

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 16 – Educação, Diversidade, Diferenças e Inclusão Social

Vigotski encontra Carlos Mesters: *perejivanie* como elemento no Círculo Bíblico

Antonio Dissenha Neto¹

INTRODUÇÃO

Um método de ler e interpretar a Bíblia, a partir da realidade e em defesa da vida. Essa é a proposta do CEBI, Centro de Estudos Bíblicos, e que tem no círculo bíblico sua principal ferramenta para a Leitura Popular da Bíblia (LPB). Uma leitura comprometida com o pobre, com a denúncia, e com a pedagogia que visa a desenvolver no excluído uma reflexão crítica.

O presente texto busca apresentar o (infelizmente ainda) evasivo conceito vigotskiano chamado *perejivanie*, e elaborar um diálogo entre a visão vigotskiana de desenvolvimento humano e a leitura popular da bíblia, propondo uma interpretação do mecanismo de promoção do desenvolvimento ontogenético e da criticidade do sujeito por via de sua participação no Círculo Bíblico.

Para fazer essa aproximação, decidi dividir o trabalho em três partes principais. Na primeira, pretendo apresentar um breve panorama da biografia de Vigotski e de sua teoria, focando ao fim dessa seção na problematização do conceito de *perejivanie* (também tratado na literatura por *perezhivanie* ou vivência). Na segunda parte, traçarei brevemente uma linha de evolução do pensamento católico desde a instituição da Doutrina Social da Igreja (DSI) até o surgimento da Teologia da Libertação (TL). Em seguida, explorarei algumas questões atinentes ao CEBI e ao círculo bíblico, visando apresentar essa abordagem ao leitor ainda não

¹ Graduando de Letras Inglês (UFPR). antonio.dissenha@ufpr.br

familiarizado. Uma vez apresentados esses elementos, desejo relacionar as visões de Vigotski e do CEBI na última parte, de maneira a explorar possíveis contribuições do conceito foco para o entendimento do impacto do Círculo Bíblico nas comunidades.

Parte-se da hipótese de que o conceito vigotskiano de *perejivanie* permite compreender o círculo bíblico como uma situação social de desenvolvimento capaz de promover transformações subjetivas potentes nos participantes. Almeja-se aqui demonstrar como, desde uma perspectiva vigotskiana, o Círculo Bíblico mostra-se uma ferramenta extremamente profícua na construção de maior criticidade para os indivíduos de comunidades periféricas.

O MISTÉRIO CHAMADO VIGOTSKI

A princípio, pode parecer de pouca relevância apresentar uma introdução ao teórico para poder introduzir um de seus conceitos — mesmo um desvio do objetivo inicial. É minha asserção aqui, entretanto, que se pode incorrer em uma superficialização do debate sobre o conceito quando se desconhece o horizonte histórico (e epistemológico) no qual esse conceito originalmente opera. Essa visão encontra ecos nas vozes das pesquisadoras Flávia Gonçalves da Silva e Claudia Davis, como resultado de uma análise que realizaram nas produções de 20 anos da pesquisa sobre Vigotski no Brasil.

Ao distanciar os princípios do materialismo histórico-dialético da obra vigotskiana, corre-se o risco de banalizar alguns de seus conceitos fundamentais. Especialmente no campo educacional, isto implica a elaboração não só de estratégias pedagógicas, mas de um projeto político (Silva e Davis, 2004, p. 655).

Assim, cremos ser relevante para o entendimento das questões teóricas apresentar apenas alguns detalhes biográficos que explicitam as dificuldades de se pesquisar o psicólogo soviético.

Estudado no Brasil desde meados da década de 70 (Freitas, 1994, p.32), o bielorrusso Lev Semyonovich Vigotski é um polímata que teve sua breve vida de 37 anos atravessada pela Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa e pela Guerra Civil Russa. Especialmente o projeto marxista-leninista teve um impacto indelével em seu trabalho, direcionando seus esforços à construção de uma psicologia marxista.

De um início em que se dedicava à questão estética como crítico literário e de teatro — o que deixou influências perenes em sua obra (Marques, 2018, p. 2) —, Vigotski parte para estudos sobre a psicologia, a educação, a linguística, a sociedade, a filosofia e diversos outros

campos: "a despeito do grande impacto de alguns conceitos vigotskianos em áreas como a educação e a psicologia do desenvolvimento, o autor possui grande importância como epistemólogo e metodólogo" (Lordelo, 2011, p. 537).

Sua autodeclarada psicologia marxista (Veresov, 2005, p. 31) buscava superar as limitações epistemológicas e metodológicas das escolas da nascente ciência, dividida até então em uma dicotomia entre uma análise biologicista e reducionista da psiquê, de tradição russa pavloviana (baseada nos estudos dos reflexos) por um lado, e por outro uma abordagem dualista cartesiana (a mente e o corpo entendidos como separados), que na prática atribuía à mente uma ontologia fantasmagórica independente da materialidade (Veresov, 2005, 34).

A busca de Vigotski pelo método marxista (materialismo histórico-dialético) como forma de superação desses problemas e o estabelecimento da unidade material entre corpo e mente (um monismo materialista) renderam como consequência um legado chamado de Psicologia Histórico Cultural. "[F]oi Vigotski quem provavelmente contribuiu com a primeira tentativa coerente de explicar a crise da ciência psicológica do ponto de vista do marxismo" (Lordelo, 2011, p. 538).

Entretanto, mesmo entre os marxistas, o legado marxista do acadêmico não é visto sem acalorados debates. "O marxismo de Vigotski está mais próximo de Althusser (1978), Habermas (1971) e da Escola de Frankfurt do que do marxismo soviético de sua época ou depois" (Bruner, 2024, p. 43). "No que concerne ao Marxismo, não se tratava de dogmas sacrossantos para Vigotski. Durante os três períodos de sua evolução criativa, Vigotski teve diferentes abordagens àquilo que poderia constituir uma psicologia marxista e como essa deveria ser construída." (Veresov, 2005, 46, tradução nossa).

Justamente por estar tão à frente de seu tempo tanto no que concernia às necessidades epistemológicas e metodológicas da psicologia quanto por sua compreensão do marxismo, seu pensamento não foi admitido pelos ideólogos stalinistas, e "[n]ão surpreende, portanto que seu trabalho tivesse sido suprimido no começo da década de 1930" (Bruner, 2024, p. 43), o que manteve suas ideias relegadas a um círculo muito restrito. Dessa forma, só houve uma divulgação ampla de seus desenvolvimentos teóricos muitíssimo depois de terem sido escritos. "[T]ratou-se de uma recepção bastante tardia, fato que pode ser explicado pelo isolamento da União Soviética em relação aos países capitalistas e pela proibição dos textos do autor no período stalinista" (Marques 2015, pp 1-2).

Adicione-se a esse problema da supressão de suas ideias a complexidade delas, exigindo uma familiaridade com diversos campos do conhecimento para um entendimento aprofundado do denso raciocínio, e juntamente a isso o fato de que alguns dos seus escritos acabaram perdidos, alguns sendo reencontrados posteriormente.

Embora seja citado por psicólogos soviéticos nos anos 1930, o manuscrito [O Significado Histórico da Crise na Psicologia] foi perdido durante a II Guerra Mundial, encontrado nos anos 1960 e só veio a ser publicado, finalmente, em 1982, na então União Soviética. (Lordelo, 2011, p. 538)

É surpreendente ainda que algumas de suas obras estejam sendo publicadas pela primeira vez na contemporaneidade, mais de 80 anos depois de sua morte (ocorrida em 1934). "[H]á uma intensa produção do autor como crítico teatral e literário, que até muito pouco tempo constava apenas de listagens de bibliografias e era inédita mesmo em russo" (Marques, 2015, resumo da tese).

Desse modo, tanto a constante evolução de seu pensamento teórico, que operava sempre admitindo dialeticamente a incorporação de novos conceitos, quanto a sua morte precoce, que deixou um impressionante, porém inacabado legado, prejudicam, por vezes, uma hermenêutica precisa de seus conceitos. O fato de sua obra ter sido proibida por tanto tempo e de que algumas de suas análises estarem pela primeira vez sendo traduzidas do russo — e até mesmo perdidas (e redescobertas!) — torna a obra desse autor um enorme desafio, mas Vigotski se impõe como incontornável na história da Educação e da Psicologia.

A MISTERIOSA PEREJIVANIE DO MISTERIOSO VIGOTSKI

Tendo em mente que a obra desse autor é extremamente complexa, é natural que haja dificuldade em sistematizá-la e organizá-la de maneira inequívoca. "Mesmo diante da popularidade crescente da teoria de L.S. Vigotski (1896-1934) ao redor do mundo, várias das suas ideias continuam obscuras e, por vezes, negligenciadas" (Capucci e Silva, 2018, p. 2).

Como defendido por Veresov (2005), a obra de Vigotski no campo da psicologia pode ser pensada em três períodos. Creio não ser pertinente para o foco desse artigo esmiuçar aqui detalhes dessas fases. Não obstante, em que pese ainda que o pensamento do bielorrusso migrou de um foco na crítica das artes (teatro e literatura) para os processos de desenvolvimento (psicológico) humano, também podemos pensar em adicionais momentos de evolução do pensamento vigotskiano. É necessário, assim, pensar sobre continuidades e

descontinuidades desse processo, ao invés de considerar a obra desse autor como monolítica de maneira simplista.

Ainda que a proposta metodológica dialética de Vigotski objetivasse incorporar diferentes elementos — até mesmo antagônicos! — por via de uma síntese (suprassunção), o trajeto desse pensador por tantos e tão distintos campos da vida e do saber e sua precoce partida deixaram em sua obra alguns pontos teóricos carecendo de desenvolvimento. Desses, talvez nenhum outro seja tão fugidio e complexo quanto o conceito de *perejivanie*.

Desenvolvimento [humano] é um complexo dialético de como o social se torna individual, mas o desenvolvimento individual é parte da situação social, e a relação do indivíduo com o ambiente — e do ambiente com o indivíduo — ocorre através da *perejivanie* do indivíduo. (Veresov, 2016, p.5, tradução nossa).

Como podemos constatar na situação acima, esse conceito vigotskiano serve de funil, de fronteira, de intermediário essencial entre o indivíduo e o meio social, a ponto de Veresov expressar logo à frente na mesma página a opinião de que "qualquer estudo de uma situação social do desenvolvimento de uma criança ficará incompleto sem o estudo da *perejivanie* da criança" (Veresov, 2016, p. 5, tradução nossa).

Dada essa importância crucial como mediador do desenvolvimento, era de se esperar então que esse conceito estivesse muito bem explorado e pacificado nas pesquisas, mas fatalmente não é o caso, embora venha ganhando relevância nas últimas duas décadas (Veresov 2016 *apud* Capucci e Silva, 2018, p. 3). "Objeto de escassa produção bibliográfica no Brasil, é um termo pouco associado à teoria histórico-cultural, problema que atribuímos à pouca difusão dos textos pedológicos e de crítica de arte do autor" (Toassa e Souza, 2011, p. 758).

Mas então, o que é essa *perejivanie*?

Antes de definir o que é *perejivanie*, nós precisamos informar ao nosso leitor que chegar a esse conceito apresenta suas dificuldades. Os problemas de tradução, edição e até mesmo censura são algumas das dificuldades de estudar a teoria de Vigotski (Veer & Yasnitsky, 2011; Zavershneva & Osipov, 2012) e isso afeta diretamente o estudo do conceito de *perejivanie*. (Schmit, 2017, p.3, tradução nossa).

Ainda mais grave do que os problemas apontados na citação acima é o fato de que esse conceito nunca foi devidamente pacificado pelo próprio Vigotski em sua obra. "[É] forçoso observar que o importante conceito do qual tratamos nesse artigo [a *perejivanie*] não foi plenamente desenvolvido por Vigotski, aguardando ainda futuros estudos teóricos, pesquisas práticas e novos campos para sua problematização" (Toassa e Souza, 2011, p. 772).

De seus primeiros usos ainda na crítica ao teatro, influenciado pelo dramaturgo Stanislavski (Capucci e Silva, 2018, p. 352), em uma fase pré-marxista, Vigotski passa para a reflexão sobre a psicologia da arte e do ator e às emoções no fenômeno estético. "É também dessa forma que Vigotski parte da obra shakespeariana para compreender a formação da personalidade humana." (Capucci e Silva, 2018, p. 353).

Contudo, ao longo de sua obra, o autor vai se utilizando do termo em diferentes contextos e sentidos, sem nunca o definir cabalmente ou negar usos anteriores, o que torna sua aplicação enquanto conceito técnico impossível para os pesquisadores posteriores sem que haja alguma tentativa de definição mais precisa e de sistematização em relação a outros conceitos da obra vigotskiana.

Uma segunda abordagem com relação à compreensão de *perejivanie* é a colocar em relação a outros conceitos da teoria histórico-cultural, como por exemplo a situação social de desenvolvimento e a produção de sentido da palavra. No entanto, como Vigotski foi incapaz de explicar a relação entre esses conceitos, cabe aos pesquisadores que seguem seus passos fazê-lo. (Mok, 2017, p.29, tradução nossa).

A discussão sobre esse conceito é corrente e vasta, com diferentes autores utilizando divergentes ontologias fundamentadas em citações do próprio Vigotski. De fato, encontramos mesmo um único autor definindo simultaneamente coisas distintas sob o mesmo termo, como por exemplo, Veresov 2016, onde encontramos *perejivanie* como:

1. Um prisma que refrata parte da experiência que está ocorrendo entre o sujeito e o ambiente;
2. Uma unidade entre o indivíduo e o ambiente;
3. Uma unidade da consciência humana.

Apesar da dificuldade em encontrar uma definição satisfatória (clara e objetiva) para o termo, partiremos desses três estreitamentos de sentido de Veresov para nossa reflexão nas discussões que visam relacionar o círculo bíblico com o termo vigotskiano.

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A INFLUÊNCIA MARXISTA

Não é apenas Vigotski quem tem raízes marxistas e controversas.

Embora possa parecer ao leitor um desvio um tanto enfadonho (esperamos que não seja), achamos necessário apresentar o caminho de surgimento da Teologia da Libertação, como maneira de demonstrar o histórico de lutas sociais como força motriz do processo de elaboração dessa teologia, quase à guisa do Manifesto: "a história de todas as sociedades até

hoje existentes é a história das lutas de classes" (Marx e Engels, 1997, sem página, Prefácio à Edição Alemã de 1883). Essa luta social será também articulada com o conceito de *perejivanie* na última parte do texto.

Ainda que não diretamente adira ao marxismo, o CEBI é tributário de um longo embate teórico/teológico que decorre da influência de Marx e dos marxistas no coração da Igreja Católica, e mais precisamente dessa instituição na América Latina. De fato, contatos entre a Igreja Católica e o marxismo já ocorrem no séc. XIX.

A Doutrina Social da Igreja surge em 1891, na esteira da Revolução Industrial, e, ainda que não tenha sido elaborada estritamente para se posicionar contra o socialismo e o marxismo, não deixa de criticá-los profundamente.

O documento que inaugura a doutrina, *Rerum Novarum*, analisa a questão operária e as condições de trabalho, e, embora critique a exploração exagerada dos trabalhadores pela ganância do patrão, se posiciona abertamente contra o socialismo, alegando que "longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posto em prática. Pelo contrário, é sumamente injusto, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social" (Leão XIII, 1891, sem página, item 3). Em que se pese ainda, antes mesmo da redação desse documento, a (ofensiva) crítica ao socialismo feita pelo mesmo papa no documento elaborado já no ano em que assume o pontificado (1878), *Quod Apostolici Muneris*.

A tensão no interior da igreja vai tomando cada vez mais força na primeira metade do século XX, com movimentos conservadores reagindo e se organizando no interior da igreja contra as ideias modernas. Löwy (*apud* Barros 2025, p. 50) elenca quatro tendências no interior da igreja latino-americana: uma corrente fundamentalista, que apoia as ideias fascistas, uma corrente conservadora e tradicionalista, uma corrente reformista e moderna (que defende os direitos humanos e uma atenção ao pobre), e uma minoria mais radical ligada à libertação dos oprimidos. Os movimentos de revolução que ocorrem no contexto da guerra fria colocam pressão ainda maior sobre a Santa Sé.

As obras de Che Guevara, Mariátegui, Sanchez Vasquez, Fidel Castro, Rosa Luxemburgo e Giulio Girardi tiveram maior influência [...] e, consequentemente, o cristianismo da libertação é o primeiro movimento teológico que assume o marxismo, mesmo com várias ressalvas, na história mundial da teologia cristã. Contudo, é na práxis do povo pobre latino-americano que se desenvolve e firma compromisso político e cristão, ainda que essa postura não fosse unânime. (Barros, 2025, p.50).

Michael Löwy (1989, pp. 9-10) aponta que o contexto histórico da crise — e necessidade de renovação da igreja católica do pós-guerra, com a eleição de João XXIII (1958) e a convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965), por um lado, e a crise do marxismo decorrente das denúncias contra o stalinismo por outro, vão enfraquecer as posições desses dois campos e permitir um diálogo entre essas frentes política e culturalmente opostas, mas que tal aproximação não terá frutos muito relevantes na Europa. Segundo o autor, é "na América Latina que se produzirão circunstâncias permitindo um processo muito mais radical de convergência." (Löwy, 1989, p.10).

Inspirados pelo Pacto das Catacumbas (1965), documento elaborado em Roma durante o Concílio Vaticano II que defendia uma igreja que renuncia aos símbolos de poder e riqueza e se volta para o pobre, os bispos latino-americanos direcionaram seus esforços para a denúncia, a libertação e a justiça social, através de documentos que dão origem formal à Teologia da Libertação em Medellin, Colômbia, em 1968 e em Puebla, México em 1979.

Essa nova igreja que surge desse movimento é extremamente ligada aos movimentos pobres, campesinos, periféricos e oprimidos.

Aqueles sobre os quais recai a responsabilidade da vida pública dos Estados e Nações deverão compreender que a paz interna e a paz internacional só estarão asseguradas se vigorar um sistema social e econômico baseado sobre a justiça. Cristo não permaneceu indiferente diante deste vasto e exigente imperativo da moral social. Tampouco poderia fazê-lo a Igreja. No espírito da Igreja, que é o espírito de Cristo, e apoiados em sua doutrina ampla e sólida, voltamos ao trabalho neste campo. (Puebla, 1982, pp 18-19).

Tal posicionamento em prol da libertação dos povos não passa ileso pelos setores conservadores, exigindo que o Papa Paulo VI se posicione na carta apostólica *Octogesima Adveniens*, em que adverte que a luta política é uma aspiração válida para um cristão, mas não a partir de uma ideologia marxista (Paulo VI, 1971, sem página, parágrafos 26 e 32-34).

Há ainda mais um documento fundamental como oposição ao contato entre o marxismo e a Teologia da Libertação, do então Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, em que o teólogo legitima parcialmente a demanda latino-americana, fundamentando-a tanto a partir da bíblia quanto sobre o magistério da Igreja, mas deixando claro que a ontoepistemologia e a ética marxista "não são compatíveis com a concepção cristã do homem e da sociedade" (Congregação para a Doutrina da Fé, 1984, sem página, Seção VII, parágrafo 8) e advertindo contra qualquer tentativa de diálogo tentada pelos proponentes da Teologia da Libertação que "passam a fazer

um amálgama pernicioso entre o pobre da Escritura e o proletariado de Marx" (Congregação para a Doutrina da Fé, 1984, sem página, Seção IX, parágrafo 10).

O CEBI E O CÍRCULO BÍBLICO

A relação direta do marxismo com o CEBI inexistente, mas ela se dá fortemente de forma indireta, não só por via de uma genealogia da Teologia da Libertação que vem dar origem ao CEBI, mas também pela origem comum (e relação íntima!) entre o projeto de Educação Popular e a Leitura Popular da Bíblia — sobretudo na contribuição de Paulo Freire. "[O] próprio Cebi se entende herdeiro da tradição da educação popular e das propostas de Paulo Freire, especialmente as expressas na Pedagogia do Oprimido." (Nascimento, 2018, sem página).

Na América Latina, nos anos 60 e 70, o compromisso político de muitos cristãos repercutiu e continua repercutindo profundamente na maneira de se ler e de se interpretar a Bíblia. Aqui temos que destacar o trabalho de educação popular desenvolvido por Paulo Freire. O método usado nos Círculos Bíblicos, como que naturalmente, levava em conta, de um lado, a experiência adquirida nos grupos de Ação Católica com o seu método Ver-Julgar-Agir e os ensinamentos de Paulo Freire sobre a pedagogia do oprimido e, de outro lado, a tradição dos próprios evangelhos. (Nascimento, 2018, sem página).

Entretanto, há que se enfatizar que a relação de Paulo Freire com o marxismo não é de uma adesão incondicional, mas de um diálogo com continuidades e com antagonismos.

O professor Dermeval Saviani reconhece a presença de autores marxistas na Pedagogia do Oprimido, e diz que "isso não significa que Paulo Freire 'tenha aderido ao marxismo ou, mesmo, tenha incorporado em sua visão teórica de análise a questão pedagógica a partir da perspectiva do marxismo.'" (Saviani, 2019, p. 331). Freire tenderia mais para uma análise hegeliana, fenomenológica, utilizando os autores marxistas de maneira incidental. Saviani defende que Freire mantém-se numa base teórica de fundo, o personalismo cristão, do qual se depreende o solidarismo cristão. (Polli, 2022, p.182).

Assim, em nossa percepção, Freire não é um marxista propriamente, mas um pensador da educação popular com uma ética cristã que dialoga com o marxismo. Não obstante, este é outro ponto de contato entre a tradição marxiana e marxista e o CEBI, dado o peso da obra freiriana no pensamento dos idealizadores do centro ecumênico.

De todo modo, a virada no papel da igreja católica para os pobres vai beber obviamente do evangelho, mas a partir de uma hermenêutica que se forma à luz da Doutrina Social da Igreja, das reformas do Vaticano II (e do Pacto das Catacumbas), das revoluções anticoloniais (especialmente na América Latina), da educação popular freiriana — todos de alguma maneira espelhando tensões (e diálogos) entre o catolicismo e o marxismo.

Assim, ainda que se proponha ecumênico, é sobre essas raízes extremamente ligadas a um movimento católico de libertação na América Latina pós-Vaticano II que se estrutura o CEBI, refletindo uma opção pelos pobres e a busca por construir com eles uma nova forma de ler a bíblia.

"A Bíblia, ou ajuda ou atrapalha; ou liberta ou oprime. Não é neutra" (Mesters, 2020, p. 14). Essa é a postura do principal fundador do CEBI, doutor em Teologia Bíblica, frei carmelita holandês nascido em 1931 e radicado no Brasil desde 1949. Ainda vivo, ainda trabalhando incansavelmente.

Como um ser humano que quando nasce já viveu nove meses, o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos — CEBI já existia quando nasceu. Isso porque o povo já estava lendo a Bíblia em suas comunidades. As pessoas começaram a lê-la a partir do único livro que existe: a vida. Então, passam a entender a existência a partir da Escritura. Isso se dava na época da ditadura militar, com todo sofrimento que esse período produziu. Percebeu-se que a leitura da Bíblia era uma força muito grande. Havia um grupo de padres, leigos, homens, mulheres, católicos, metodistas e luteranos que se reuniam umas duas vezes ao ano e falavam que a leitura que o povo estava fazendo era importante. Contudo, percebiam que era preciso se articular mais para ajudar o povo. Era, então, o ano de 1979. (Mesters apud Nascimento 2018, p. 8).

Assim, o Círculo Bíblico surge como ferramenta de pedagogia crítica dentro do CEBI. É a partir dos círculos que a reflexão é proposta, buscando questionar as estruturas e os processos de opressão. "[C]om essas reuniões da Bíblia e de comunidade, a gente vai percebendo que é gente. Muitos não percebem. Há tanta injustiça, e mais ainda até na comunidade. [...] Essas reuniões são boas porque ajudam a gente a descobrir que foi feita para ser livre" (Mesters apud Nascimento 2018, p. 45).

Partindo de uma tríade composta de texto, realidade e comunidade, o Círculo Bíblico procura trabalhar uma leitura coletiva, dialógica, não-hierarquizada, mas negociada do texto, fugindo de leituras descontextualizadas e fundamentalistas, promovendo o entendimento das condições históricas e ideológicas da produção do texto, mas extrapolando seu sentido na origem e buscando um sentido possível para iluminar a condição dos participantes (Nascimento, 2018, p. 46). "O tema é a porta de entrada para outros conhecimentos" (Nascimento, 2018, p.48).

É isso que eu vou tentar fazer: refletir sobre a prática em andamento e ver como a Bíblia está sendo usada de fato pelo povo; como está contribuindo para a formação das comunidades; como está inserida na pedagogia libertadora; como está dando consciência ao povo. (Mesters, 2020, p.16)

CABE MAIS UM MARXISTA? COMO PODEMOS ARTICULAR VIGOTSKI NESSE DIÁLOGO

Retomamos neste ponto finalmente o propósito desse trabalho, que é o de articular o conceito de *perejivanie* (e, *a fortiori* a obra vigotskiana) com o trabalho de base nas comunidades através do Círculo Bíblico e a Leitura Popular da Bíblia.

Para que pudéssemos chegar a um diálogo mais aprofundado desses dois universos foi necessário apresentarmos 1) um breve panorama sobre a complexidade do pensamento do Vigotski e as dificuldades de pesquisar o autor e sua obra; 2) o conceito de *perejivanie*, que assume distintos sentidos na obra vigotskiana quando analisado diacronicamente; 3) um sucinto relato sobre alguns dos principais momentos no desenvolvimento da Teologia da Libertação; e 4) o surgimento do CEBI e os fundamentos subjacentes ao Círculo Bíblico.

Ao longo do texto, procuramos também demonstrar como o marxismo se estabelece como uma das forças que modulam o desenvolvimento desses quatro elementos, ora mais discretamente, ora mais pronunciadamente.

Esse espectro do marxismo que ronda, para brincar com a memorável abertura do Manifesto Comunista, teia que conecta as quatro partes do texto, é, simultaneamente, grande ponte entre essas, mas também pedra de tropeço que se coloca para a tarefa de estabelecer um diálogo. Elaboraremos agora a primeira afirmação, o diálogo possível, e, encerraremos o texto estabelecendo aquilo que julgamos serem as dificuldades principais dessa aproximação nas considerações finais.

Em que o olhar vigotskiano pode contribuir para o Círculo Bíblico?

De fato, essa questão pode ser explorada de diversas maneiras, mas nossa contribuição sugere começar com a importância do trabalho como elemento fundante da cultura e da história, que é uma concepção que Vigotski adota diretamente de Marx e Engels na Ideologia Alemã:

O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material [...]. [...] [A] satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades — e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico. (Engels & Marx, 2007 p. 33)

Aqui temos para Vigotski uma centralidade e inseparabilidade do social para o desenvolvimento individual, mas não somente isso. Esse social é estruturado através de uma mediação incontornável por via da linguagem e do trabalho. Nos explica o psicólogo marxista

Sergei Rubinstein que "[...] a atividade humana não é uma reação a um estímulo externo, nem mesmo o fazer, como uma operação externa de um sujeito sobre um objeto. É a transposição do sujeito para o objeto. [...] Na objetificação, no processo de transição para um objeto, o próprio sujeito é formado" (Rubinstein 2025 p.92). Em outras palavras, ao buscarmos atender nossas necessidades materiais, modificamos ao mundo e, por consequência, a nós mesmos, e assim fazendo, construímos sentido para o mundo ao mesmo tempo em que nos desenvolvemos psicologicamente.

Então, se o sujeito humano apenas se desenvolve por via social, e essa está ligada de maneira indelével ao trabalho e à materialidade (pressuposto vigotskiano e marxista de maneira geral), o cerceamento às condições dignas das comunidades pobres é o cerceamento ao seu desenvolvimento humano. Privar os membros das comunidades periféricas do capitalismo das condições materiais mínimas é, na prática, estabelecer uma quase impossibilidade de esses indivíduos de apropriarem daquilo que nos faz humanos, ou seja, é animalizar o ser humano. "Importante ressaltar que não se trata da produção material apreendida apenas como objeto ou como coisa, mas como atividade consciente objetiva realizada pelos indivíduos enquanto sujeitos de classe na experiência da vida em sociedade" (Araújo 2024 p.56). Por tanto, ser oprimido economicamente é ser excluído de relações humanizantes também.

Aqui há um espaço importante de diálogo possível com o CEBI.

A Bíblia surgiu da caminhada de um povo oprimido que, apoiado na promessa de Deus, buscava a sua libertação. A sua interpretação deve ser feita a partir do povo crente e oprimido que hoje busca sua libertação. A interpretação não pode ser neutra, nem pode ser feita separada da vida e da história do nosso povo [...]. (Mesters, 2020, p. 141).

Aqui cabe pensar o ponto de contato com dois conceitos vigotskianos: a *perejivanie*, que é nosso objeto principal, e a Situação Social de Desenvolvimento (SSD).

As vivências [*perejivanie*] se reestruturam a partir de demandas do meio e das interações do indivíduo; assim, quando este processo se modifica, as necessidades e motivações do sujeito também se transformam, pois têm relação com a sua situação social de desenvolvimento (SSD). (...) Conforme Vygotski (2012b), a SSD é a relação que se estabelece entre o indivíduo e o ambiente ao seu redor, especialmente sua realidade social. A SSD é definida pelo espaço do indivíduo no sistema de relações interpessoais e sociais, sua posição objetiva e o sistema de expectativas e exigências impostas pelo ambiente social: a família, a escola, os amigos e demais espaços sociais que são fatores importantes que definem trajetórias individuais de desenvolvimento psicológico. (Bittencourt e Fumes, 2021, p. 4)

Trazemos aqui novamente os sentidos estabelecidos por Veresov para *perejivanie*: 1) Um prisma que refrata parte da experiência que está ocorrendo entre o sujeito e o ambiente; 2) Uma unidade entre o indivíduo e o ambiente; 3) Uma unidade da consciência humana.

Esse conceito é fundamental para pensarmos o motivo pelo qual pessoas que vivem em um mesmo ambiente social tomam trajetórias particulares em seu desenvolvimento. A SSD é a parte objetiva da experiência, enquanto a *perejivanie* é a construção de uma unidade de sentido subjetiva sobre e a partir dessa, que destaca alguns elementos e suprime outros, ou — na metáfora do prisma — reflete alguns elementos e refrata outros. "A SSD é [...] o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento [...]. Configura as potencialidades de construir ou reconstruir aspectos da personalidade [...]. É a possibilidade de que o social se transforme em individual" (Bittencourt e Fumes, 2021, p. 4).

[A *perejivanie* é] a unidade entre ambos [o ambiente e o indivíduo,] e a tradução do que o indivíduo pensa, sente e mantém com o seu meio. Por isso, não se pode reduzir à investigação das condições externas do indivíduo e/ou focalizar de forma linear, porque o desenvolvimento ocorre em etapas integradas, as quais incorporam a anterior e a seguinte. As vivências se reestruturam a partir de demandas do meio e das interações do indivíduo; assim, quando este processo se modifica, as necessidades e motivações do sujeito também se transformam, pois têm relação com a sua situação social de desenvolvimento (SSD). (Bittencourt e Fumes, 2021, p. 4).

Portanto, se é a partir da SSD que se promove a transformação do indivíduo, e um ambiente excludente fecha portas para o desenvolvimento humano, a luta por melhores condições de vida é uma luta pela humanização da sociedade. Em tempo, essa visão também explica a razão pela qual receitas neoliberais de 'mudar o mindset' para sair da pobreza não teriam efetividade quando analisadas pelo recorte teórico de base vigotskiana: desde essa premissa, a mudança do indivíduo depende de uma mudança na SSD.

Tendo entendido o quanto é vital o papel do meio (sem que seja, contudo, entendido de maneira determinista!), a introdução do Círculo Bíblico na comunidade o estabelece como parte da SSD dos indivíduos. A Leitura Popular da Bíblia ganha nesse ambiente a mediação do grupo para uma negociação de sentidos do texto, expondo os indivíduos às possibilidades de interpretação que eles não conseguiriam elaborar sozinhos no estágio de desenvolvimento em que se encontram.

A mediação, efetivada pelo "outro" mais experiente, viabiliza uma ação mais significativa do sujeito sobre o objeto e, desse modo, o indivíduo passa a transformar, dominar e internalizar conceitos, papéis e funções sociais presentes na sua realidade. Assim, os processos de mediação viabilizam os processos de aprendizagem. (Souza e Rosso, 2011, p. 5897).

Assim, a SSD do Círculo Bíblico permite ao indivíduo elaborar a sua significação particular da leitura bíblica de maneira mais aprofundada. Ao mesmo tempo, a partir da proposta metodológica do Círculo Bíblico e através dessa mediação do outro mais experiente (distintos membros do grupo em uma negociação coletiva), ao estabelecer significados para o texto, pode também re-elaborar os sentidos de sua própria realidade. Essa relação dialética entre o texto e a realidade do sujeito, mediada pela comunidade, permitem uma significação *sui generis*, subjetiva e que constrói um sentido totalizante, uma unidade, uma *perejivanie*, efetivamente convertendo aquilo que era estritamente social em algo que ainda o é, mas que passa também a ser individual. O sujeito tem a oportunidade de se apropriar não só do texto, construindo sentido para ele, mas também de uma unidade de sentido entre o que está sendo lido e o mundo à sua volta, orientando suas ações de maneira distinta a partir dessas reflexões.

Nada é imposto, mas tudo o que vem do pessoal é acolhido. Não há professores nem alunos, porque todos se colocam em atitude de aprendizes da vida e do Evangelho. Não se procura dar resposta, mas se tenta situar adequadamente o problema. O pessoal mais consciente diz sentir-se oprimido quando alguém toma atitude de mestre: o mestre com pretensões de transmitir-lhes sabedoria não lhes interessa. Interessa-lhes, sim, o companheiro que tem mais leitura, mas companheiro com quem se possa debater na igualdade. (Mesters apud Nascimento 2018, pp. 45-46).

Aqui gostaria de colocar que estabelecer a experiência vivida como *perejivanie* não é uma mera estratégia retórica para tentar dar cientificidade ou legitimação à teoria: "a vivência [*perejivanie*] é uma unidade [...] [que] sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa [...] e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso." (Vigotski *apud* Bittencourt e Fumes, 2021, pp. 7-8).

Utilizar tal conceito é reconhecer na complexidade da experiência diversos pontos que dialogam com a obra Vigotskiana e que superam dialeticamente as aparentes contradições entre 1) o individual e o coletivo; 2) o biológico e o cultural; 3) a experiência objetiva (SSD) e a significação particular dessa (*perejivanie*); 4) o racional e o emocional; 5) o interno ao sujeito e o externo a ele. Ainda que não estritamente alinhada com a definição de Veresov, gostaria também de resgatar a posição de Liberali e Fuga quando afirmam que:

o conceito [*perejivanie*] implica "o trabalho ativo que as pessoas conduzem para superar estados psicológicos de impossibilidade." Para essa proposta, Clarà (2016) sugere falar em "experiencing-as-struggle", ou seja, "experienciando-como-luta". Nessa linha, torna-se essencial pensar em *perejivanie* como a vivência de uma situação crítica e a busca por equilíbrio psicológico. (Liberali e Fuga, 2018, p. 366).

Há ainda um outro aspecto da teoria vigotskiana que é fundamental para a compreensão das relações entre a *perejivanie* do sujeito e o CEBI, que é expressa na perícópe

bíblica de Atos 8:26-40, tão cara para a visão cebianana, em que a personagem pergunta a um dos apóstolos no versículo 31: "Como poderei entender, se alguém não me ensinar?".

Não só essa perícopé se relaciona a Vigotski pelo motivo de o desenvolvimento ser promovido do social para o individual, mas também pelo posicionamento teórico de que é o aprendizado que propicia o desenvolvimento. É a partir da estimulação social que o desenvolvimento das faculdades humanas do indivíduo ocorre e o sujeito se desenvolve. Logo, pensando o Círculo Bíblico enquanto SSD e a comunidade enquanto o outro mais experiente, a LPB é uma oportunidade de aprendizado que leva ao desenvolvimento, por via de negociação de sentidos da leitura coletiva e da confrontação da leitura com a realidade vivida. Ademais, o compartilhamento da elaboração discursiva externa do entendimento particular da leitura, ou seja, o ato de dividir seu entendimento com o grupo, também é uma forma de estabelecer relações prioritárias de significação nesse prisma metafórico, refletindo sentidos, como podemos também ver na afirmação de Tassoni, que também demonstra a impossibilidade de separação entre a cognição e a emoção na *perejivanie*:

Portanto, é nas relações com o outro que os objetos tomam um sentido afetivo e determinam a qualidade desse objeto internalizado, supondo que os processos de internalização envolvam tanto aspectos cognitivos como aspectos afetivos. A linguagem oral, o contato físico e a proximidade são elementos indissociáveis, um leva ao outro e todos implicam nas relações afetivas um significado maior no processo ensino-aprendizagem (Tassoni *apud* Emiliano, 2015, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como na relação entre o marxismo com a Teologia da Libertação e também com Paulo Freire, existe no diálogo que tentamos estabelecer aqui uma tensão que é, ao mesmo tempo, profícua de reflexões e potencial de aplicabilidade, mas epistemologicamente tensa, já que estabelece contato entre o materialismo histórico-dialético e uma visão espiritual do que é a natureza humana, necessariamente presente naquilo que concerne à igreja cristã, como Jesus afirma em João 18:36, "Meu Reino não é deste mundo".

Filosoficamente falando, há uma tensão entre a ontologia do ser humano, da subjetividade e até mesmo do desenvolvimento, pois a espiritualidade parte de uma base filosófica idealista, em que o espírito (aqui entendido como entidade metafísica transcendente!) determina a matéria, enquanto o marxismo coloca que é a matéria que determina (dialeticamente) o espírito (aqui entendido meramente como subjetividade imanente).

Não é o escopo desse texto investigar filosoficamente essa tensão, mas citamos aqui como breve evidência a posição do então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger (futuro Bento XVI) em seu tratado "Instrução sobre Alguns Aspectos da 'Teologia Da Libertação'":

É, pois, igualmente ilusão fatal crer que novas estruturas darão origem por si mesmas a um 'homem novo', no sentido da verdade do homem. O cristão não pode desconhecer que o Espírito Santo que nos foi dado é a fonte de toda verdadeira novidade e que Deus é o senhor da história. (Congregação para a Doutrina da Fé, 1984, sem página).

Pese-se contra essa posição a de Vigotski, sintetizada por Lucci que estabelece entre outros pontos:

a) o homem é um ser histórico-social ou, mais abrangentemente, um ser histórico-cultural; o homem é moldado pela cultura que ele próprio cria; b) o indivíduo é determinado nas interações sociais, ou seja, é por meio da relação com o outro e por ela própria que o indivíduo é determinado; é na linguagem e por ela própria que o indivíduo é determinado e é determinante de outros indivíduos; c) a atividade mental é exclusivamente humana e é resultante da aprendizagem social, da interiorização da cultura e das relações sociais; (Lucci, 2006, p. 5).

Essa é, para nós, a incontornável dificuldade na conciliação de um diálogo profundo entre Vigotski e os estudos bíblicos em uma abordagem que considere a mística como revelação divina. Ratzinger coloca magistralmente a posição da tradição da igreja, de que a inspiração divina é a fonte da novidade verdadeira e Deus é o Senhor da história. Essa posição não pode ser conciliada com a ideia da materialidade (e da luta de classes como motriz da história), nem com uma ontologia do desenvolvimento que atribua novidades à materialidade somente.

Há ainda outros pontos de tensão além desses no nosso entender, como a ontologia do mal e a escatologia (e, por conseguinte, soteriologia). No marxismo, o mal decorre da assimetria de poder e concentração de capital e poder que forma as classes, mas não possui um status ontológico, e sim, conjuntural. A natureza do ser humano não é boa nem má. O ser humano é apenas um ser social, com uma formação social e histórica. E a superação desse mal conjuntural viria com a superação de uma sociedade de classes. Contraste-se a isso a ideia cristã de um mal ontológico (tipicamente expressado na figura de Satã, mas não necessariamente) e uma escatologia que vê o fim do mal somente com o retorno de Cristo.

Como dissemos, não é o propósito do texto elaborar essas questões, mas apontamos pontos que consideramos filosoficamente incontornáveis.

Não obstante, pragmaticamente, a aproximação entre esses dois campos conforme tentamos articular aqui apresenta possibilidades de entendimento da importância do Círculo Bíblico como um efetivo recurso de transformação social e desenvolvimento do indivíduo por via da construção de sentidos (*perezhivanie*) que promovam no sujeito o desenvolvimento de uma maior criticidade com relação ao texto bíblico e à sociedade onde está inserido.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wécio. **Ontologia e economia política: Marx leitor de Hegel**. São Paulo: Dialética, 2024.

BARROS, Monyse Ravenna de Sousa. **"Os três paus santos": a enxada, o machado e a foice: fé, organização política e leitura do mundo na Diocese de Crateús**. 2025. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. Vivências em Vygotski: contribuições teórico-metodológicas para análise do contexto histórico-cultural nos estudos com indivíduos. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 31, n. 64, 2021.

BRUNER, Jerome. Introdução a "Pensamento e linguagem". In: RIEBER, Robert W.; ROBINSON, David K. (org.). **O essencial de Vigotski**. Petrópolis: Vozes, 2024. p. 9-45.

CAPUCCI, Raquel Rodrigues; SILVA, Daniele Nunes Henrique. "To be or not to be": the actor's *perezhivanie* in the studies of L. S. Vygotsky. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 35, n. 4, p. 351-362, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400003>.

CLOVIS, Benedito; BERNARDINO, Orides. Caminhando... e fazendo leitura popular da Bíblia. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 25, n. 96, p. 64-69, 2022. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/588>. Acesso em: 11 dez. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da "Teologia da Libertação"** (*Libertatis Nuntius*). Vaticano, 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acesso em: 23 dez. 2025.

EMILIANO, Joyce Monteiro. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente**. 2015. Trabalho acadêmico (não publicado).

FREITAS, Maria Teresa Assunção de. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994.

LEÃO XIII, Papa. **Rerum Novarum: sobre a condição dos operários**. Vaticano, 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 22 dez. 2025.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete Pereira. A importância do conceito de perezhivanie na constituição de agentes transformadores. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, n. 4, p. 363-373, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400004>.

LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 19, p. 9-26, 1989.

LUCCI, Marcos Antonio. La propuesta de Vygotsky: la psicología socio-histórica. **Profesorado: Revista de Currículum y Formación del Profesorado**, Granada, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.

LORDELO, Lia da Rocha. A crise na psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 27, n. 4, 2011.

MARQUES, Priscila Nascimento. "Young" Vygotsky: unpublished works about art and the role of artistic creation in child development. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844183267>.

MARQUES, Priscila Nascimento. **Vigótski incógnito: escritos sobre a arte (1915-1926)**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Lisboa: Avante!, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 10. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: reflexões sobre a leitura popular da Bíblia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

MOK, Nelson. On the concept of perezhivanie: a quest for a critical review. In: FLEER, Marilyn et al. (ed.). **Perspectives in cultural-historical research**. Singapore: Springer, 2017. p. 19-35.

NASCIMENTO, Zélia Cristina Pereira do. **Origens comuns e mútuas influências: educação popular e leitura popular da Bíblia**. 2018. Texto acadêmico.

NASCIMENTO, Zélia Cristina Pereira do. **Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) em Severiano Melo: uma experiência de educação popular**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

PAULO VI, Papa. **Octogesima Adveniens**. Vaticano, 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 23 dez. 2025.

POLLI, José Ricardo. Humanismo marxista em Edward Thompson e Paulo Freire: a educação vista de baixo. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 167-200, 2022.

PUEBLA. **A evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovich. Problemas da psicologia nas obras de Karl Marx. In: BIANCHI, Bruno (org.). **Fundamentos da psicologia soviética**. Recife: Editora Ruptura, 2025.

SCHMIT, Wagner Luiz. Perezhivanie and the study of role-playing games. **Culture & Psychology**, London, v. 23, n. 3, p. 391-407, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1354067X16663006>.

SILVA, Flávia Gonçalves da; DAVIS, Claudia. Conceitos de Vigotski no Brasil: produção divulgada nos Cadernos de Pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 633-661, 2004.

SOUZA, Audrey Pietrobelli de; ROSSO, Ademir José. Mediação e zona de desenvolvimento proximal (ZDP): entre pensamentos e práticas docentes. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 10., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2011. p. 5894-5906.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 757-779, 2011.

VERESOV, Nikolai. **Marxist and non-Marxist aspects of the cultural-historical psychology of L. S. Vygotsky**. In: WERTSCH, James V. (org.). 2005.

VERESOV, Nikolai; FLEER, Marilyn. Perezhivanie as a theoretical concept for researching young children's development. **Mind, Culture, and Activity**, v. 23, n. 4, p. 325-335, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/10749039.2016.1186198>.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “✓” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	✓
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	✓
Formato de papel A4	✓
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	✓
Fonte Times New Roman, tamanho 12	✓
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	✓
Espaço entre linhas de 1,5	✓
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	✓
Conversão do arquivo em .pdf	✓